

Contos de fadas, mais vivos do que nunca

ANSELMO PERES ALÓS

Professor (UFSM)

anselmoperosalos@gmail.com

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987.

Nelly Novaes Coelho (1922–2017) foi uma das maiores estudiosas da literatura brasileira, com destaque na área de literatura infantil e juvenil. Professora, crítica literária e escritora, dedicou sua carreira à análise de obras literárias e ao estudo das relações entre literatura e educação. Foi docente na Universidade de São Paulo (USP) e publicou obras de referência, como *Literatura infantil: história, teoria e análise*, que analisa o papel da literatura infantil na formação de leitores e sua evolução ao longo do tempo. Seus estudos são amplamente reconhecidos por aprofundarem a compreensão sobre o impacto cultural e educativo da literatura no universo infantojuvenil.

Nelly Novaes Coelho também escreveu diversos livros e artigos que abordam temas literários, contribuindo significativamente para a valorização e o reconhecimento acadêmico da literatura infantil como campo de estudo legítimo e relevante. Seu trabalho influenciou gerações de educadores, escritores e pesquisadores. *O conto de fadas* é uma obra fundamental para o estudo e a compreensão desse gênero literário que transcende fronteiras culturais e históricas. Publicado em uma época em que os estudos sobre contos de fadas ainda buscavam espaço na academia brasileira, o livro é um marco por abordar de forma interdisciplinar a origem, os significados e as funções dessas narrativas, além de sua relevância na formação do indivíduo e na preservação de valores culturais. A definição básica que a autora nos apresenta logo de início é a seguinte:

Com ou sem a presença de fadas (mas sempre com o elemento maravilhoso), seus argumentos desenvolvem-se dentro da magia feérica (reis, rainhas, príncipes, princesas, metamorfoses, tempo e espaço fora da realidade conhecida) e têm como eixo gerador uma problemática existencial. Ou melhor, têm como núcleo problemático a realização essencial do herói ou da heroína, realização que, via de regra, está visceralmente à união homem – mulher (COELHO, 1987, p.)

O livro é organizado em capítulos que se interconectam para oferecer uma visão abrangente e detalhada dos contos de fadas. Desde as suas origens na tradição oral até as adaptações literárias e cinematográficas modernas, Coelho explora a trajetória histórica e cultural dessas narrativas. Sua abordagem é rica em fundamentos teóricos, dialogando com autores como Bruno Bettelheim, Carl Jung e Vladimir Propp, ao mesmo tempo em que oferece uma análise própria, embasada em extensa pesquisa e sensibilidade literária. A autora busca elementos para discussão até mesmo nos autores místicos e teosóficos que se dedicaram ao estudo das fadas, como é o caso de Dora Van Gelder:

Curiosamente, há testemunhos de *clarividência*, fenômenos paranormais ou parapsicológicos, que afirmam a existência das fadas, de modo absolutamente natural, em nosso mundo, embora elas sejam invisíveis ao olhar ou à percepção comum, como o de Dora Van Gelder, em um livro publicado por um grupo editorial teosófico, *O mundo real das fadas*, e de cuja seriedade não se pode duvidar. A verdade é que Dora nasceu no Oriente [...]. É dentro dessa perspectiva “mágica” (incompreensível para nós, ocidentais, visceralmente racionalistas) que deve ser compreendido o relato biográfico da autora [Dora], alguém que desde criança teve o privilégio de “ver” e de se “comunicar” com as fadas (COELHO, 1987, p. 35).

A autora inicia sua análise ao discutir as origens arquetípicas dos contos de fadas, destacando sua relação com os mitos e com a oralidade. Ela argumenta que essas histórias nasceram como parte do imaginário coletivo de diversas sociedades, funcionando como instrumentos de transmissão de valores, normas sociais e lições morais. Ao mesmo tempo, Coelho enfatiza que os contos de fadas não se limitam a esse papel funcional, pois possuem um apelo estético e simbólico que os torna universais e atemporais:

A partir do século XIX, quando se iniciam cientificamente os estudos de literatura folclórica e popular de cada nação, mil controvérsias são levantadas por filólogos, antropólogos, etnólogos, psicólogos e sociólogos, que tentavam detectar as fontes ou os *textos-matrizes* desse caudal de literatura maravilhosa, de produção anônima e coletiva. Produção que permanecia viva entre o povo e testemunhava não só os valores mais originais da língua por ele falada, como também sua maneira de *ver e sentir a vida* (Coelho, 1987, p. 16).

Um dos aspectos mais marcantes do livro é a análise das funções psicológicas dos contos de fadas, inspirada em teorias de psicologia profunda. Coelho retoma e expande as ideias de Bruno Bettelheim, que enxergava nessas histórias um papel terapêutico na formação emocional das crianças. Segundo a autora, os contos de fadas oferecem um espaço simbólico para que os leitores, especialmente os jovens, possam lidar com seus medos, angústias e conflitos internos. Os elementos fantásticos dessas narrativas, como bruxas, dragões e fadas, representam forças do inconsciente que precisam ser enfrentadas e compreendidas. Essa abordagem também é aprofundada pela analista junguiana Marie Louise Von Franz, importante estudiosa dos aspectos míticos e imaginários dos contos de fadas e de seus usos no processo de busca da individuação.

Coelho também reflete sobre a dimensão educativa dos contos de fadas. Ela aponta que essas narrativas têm o poder de ensinar lições importantes sobre coragem, altruísmo, resiliência e justiça, de forma indireta e envolvente. Em vez de impor valores de maneira didática, os contos de fadas permitem que os leitores assimilem esses princípios por meio da identificação com os personagens e suas jornadas. Tal perspectiva

foi retomada posteriormente por outros psicanalistas que aprofundam o trabalho anterior de Bruno Bettelheim e de Marie Louise Von Franz. No cenário brasileiro, talvez os melhores continuadores do trabalho desses analistas foi o casal Mário Corso e Diana Lichtenstein Corso, como o hoje célebre livro **As fadas no divã**, publicado originalmente em 2006.

No plano literário, Coelho destaca a simplicidade estrutural dos contos de fadas, que contrasta com a profundidade simbólica de seus elementos. Ela explora as contribuições de Vladimir Propp, que identificou os padrões narrativos recorrentes nesse gênero, como as funções dos personagens e as etapas da jornada do herói. Coelho argumenta que essa estruturação é não apenas um artifício estilístico, mas também um reflexo das necessidades psicológicas e sociais que os contos de fadas procuram atender. Ela também analisa o uso de elementos mágicos e simbólicos, como objetos encantados, espaços fantásticos e transformações milagrosas, que contribuem para a criação de um universo onde tudo é possível. Segundo a autora, esses elementos não apenas estimulam a imaginação dos leitores, mas também funcionam como metáforas para experiências humanas universais.

Embora Coelho enfatize a universalidade dos contos de fadas, ela também reconhece sua diversidade cultural. O livro discute como diferentes tradições adaptaram essas narrativas às suas próprias realidades, resultando em variações temáticas e estilísticas. A autora analisa exemplos de contos clássicos, como *Cinderela* e *Chapeuzinho Vermelho*, destacando suas diferentes versões ao redor do mundo e o impacto dessas variações na percepção coletiva das histórias.

Todavia, o livro não é perfeito, e possui algumas fragilidades. Ainda que *O conto de fadas* seja uma obra rica e abrangente, algumas limitações podem ser apontadas. Por exemplo, o foco predominante nas tradições ocidentais deixa em segundo plano narrativas de outras culturas, que poderiam enriquecer ainda mais a compreensão sobre o gênero. Além disso, enquanto Coelho aborda de forma convincente a história e a estrutura dos contos de fadas, o impacto das adaptações modernas, como as versões cinematográficas da Disney, ou a permanência das fadas como tema literário em obras como os livros de J. K. Rowling, J. R. R. Tolkien e Michael Ende, por exemplo, poderia ter sido mais explorado. Em termos de estilo, o livro é escrito em uma linguagem clara e acessível, mas a densidade de informações pode representar um desafio para leitores menos familiarizados com a teoria literária. Ainda assim, a profundidade da análise e a riqueza dos exemplos tornam a obra uma leitura essencial para estudantes, educadores e entusiastas da literatura.

O conto de fadas configura-se como uma obra imprescindível para quem deseja compreender a complexidade e a relevância desse gênero literário. Ao combinar história, psicologia e análise literária, Coelho oferece uma visão profunda e multifacetada dos contos de fadas, revelando como essas narrativas continuam a influenciar nossa forma de ver o mundo e de compreender a experiência humana. Apesar de algumas lacunas, o livro permanece como uma referência indispensável, reafirmando o legado intelectual de sua autora e o poder dos contos de fadas como fontes inesgotáveis de sabedoria e encantamento.

REFERÊNCIAS

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: história, teoria e análise. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1997.

CORSO, Mário e CORSO, Diana Lichtenstein. **As fadas no divã**. Porto Alegre: ArtMed, 2006.

FRANZ, Marie Louise von. **A interpretação dos contos de fadas**. São Paulo: Paulinas, 1981.

FRANZ, Marie Louise von. **A individuação nos contos de fadas**. São Paulo: Paulinas, 1984.

FRANZ, Marie Louise von. **A sombra e o mal nos contos de fadas**. São Paulo: Paulinas, 1985.

GELDER, Dora Van. **O mundo real das fadas**. São Paulo: Pensamento, 1986.